

SIMPÓSIO AT016

CONTINUUM DE RURALIDADE: ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA NA ZONA DA MATA MINEIRA

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni
Instituto Federal do Amazonas
Universidade Federal de Juiz de Fora
patriciaotoni@ifam.edu.br

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da
Universidade Federal de Juiz de Fora
patriciafabianecunha@gmail.com

Resumo: O presente estudo objetiva contribuir para a compreensão da variação linguística na fala da zona rural de duas localidades na Zona da Mata de Minas Gerais. Trata-se de uma investigação com o respaldo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e com contribuições dos estudos sobre Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011) e Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). A pesquisa, desenvolvida como tese de doutorado e orientada pela Profa. Dra. Patrícia F. A. da Cunha Lacerda, analisa dez fenômenos do falar rural elencados por Amaral (1920) e Castilho (2010) e contrasta-os aos dados obtidos através de 24 entrevistas sociolinguisticamente orientadas. Assim, foram observadas as variações e, dentre os resultados, constata-se que as duas localidades apresentam variantes tipicamente rurais elencadas nos estudos anteriores, mas a discrepância nos percentuais das variantes conservadoras entre Belmiro Braga-MG e Oliveira Fortes-MG (46,3% e 75,5%, respectivamente) indica um *continuum* de ruralidade entre as zonas rurais, o qual pode ser mensurado por meio da frequência de traços graduais e descontínuos. Entre os moradores das zonas rurais, também há gradações de ruralidade. Dessa forma, defende-se que o espaço rural é um território linguístico heterogêneo, sobre o qual a investigação sociolinguística precisa ser fomentada para que a variação presente nas zonas rurais brasileiras seja conhecida, respeitada e valorizada.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Linguística; Fala Rural; *Continuum* de Ruralidade

Abstract: This work aims to contribute to the understanding of linguistic variation on rural speech from two places in the microregion of Juiz de Fora, which is located in Zona da Mata of Minas Gerais, in Brazil. This research has as theoretical and methodological support the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), contributions of studies on Social Networks (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO 1985, 2011) and Rural Sociology (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). This research analyzes ten phenomena from rural speech listed by Amaral (1920) and Castillo (2010), and contrasts them with data obtained through 24 sociolinguistically oriented interviews. Thus variations were observed and, between the results, it was found that the two locations present typically rural variants at higher percentages than urban variants listed in previous studies, but the discrepancy in the percentages of conservative

variants between Belmiro Braga - MG and Oliveira Fortes - MG (46.3% and 75.5%, respectively) indicates a continuum of rurality between rural areas, which can be measured by the frequency of gradual and discontinuous features. Among the residents of rural areas, there are also rurality gradations. It is also verified that the social variables in its discontinuities and gradations. Thus, it is argued that the countryside is a heterogeneous linguistic territory in which the sociolinguistic research must to be fomented so that the linguistic diversity present in Brazilian rural areas is respected and valued, but above all known.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic variation; Rural speech; Continuum of rurality.

Introdução

O processo histórico de formação do Brasil tem reflexos nítidos no seu delineamento linguístico, especialmente os que estão associados à distribuição da população brasileira pelos espaços rurais e urbanos. Como problematizado por Mattos e Silva (2001, 2004) e Lucchesi (1994, 1998, 2001, 2002, 2006, 2015), a história social do português brasileiro é marcada por uma “polarização sociolinguística”. Contudo, a migração rural-urbana produziu uma “mistura” entre as duas variedades do português brasileiro (a de origem rural e a urbana), criando uma área rurbana (BORTONI-RICARDO, 2004), formada por migrantes de origem rural e também pelas comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.

A identificação das áreas é possível por meio de uma análise contrastiva entre um extremo e outro, considerando as características prototípicas das variedades e/ou os traços “graduais” e “descontínuos” (BORTONI-RICARDO, 1989, 2004, 2005). No que se refere ao extremo rural, sua identificação tende a estar relacionada a usos estigmatizados, tais como: iodização ou despalatização (muié, cuié); rotacismo (vortei, crareza); alteração de [v] para [b] (braba); ausência de concordância nominal e verbal (us homi vai); entre outros usos descritos, principalmente, por Amadeu Amaral (1920) em sua obra sobre o Dialeto Caipira. Já o extremo urbano possui maior relação com a escrita e com a norma culta. A área rurbana ainda carece de definições, já que é um termo para uma área complexa, que pode ser subdividida em diversos níveis de ruralidade e urbanização.

Qual é o delineamento sociolinguístico nas zonas rurais no contexto atual? Ou ainda, é possível fazer um delineamento? Com o interesse de contribuir para a descrição e valorização da fala rural, o presente estudo visa a investigar a variação linguística na zona rural de dois municípios situados na microrregião de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira. Busca-se, com o respaldo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e com contribuições dos estudos sobre Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011) e Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009), identificar os aspectos variáveis na fala rural intra e entre as localidades e os fatores condicionadores das variações. Trata-se de um estudo descritivo-analítico específico em localidades rurais, com a proposta de uma agenda para a “Sociolinguística Rural” no Brasil, já que as pesquisas realizadas têm sido isoladas.

A tese de doutorado (RIBEIRO, 2017), defendida no Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora e orientada pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, apresenta, com detalhes, o referencial teórico, a metodologia, as variáveis analisadas e os dados quantitativos e qualitativos. Neste texto, prioriza-se a divulgação dos resultados da pesquisa, como um recorte da pesquisa “Variação Linguística na Fala Rural: uma análise de dois municípios da Zona da Mata de Minas Gerais”.

1. Gradações da ruralidade

Com o intuito de explorar os traços graduais e descontínuos na fala dos 24 moradores rurais que participaram da investigação, analisou-se a distribuição das variantes rurais nos dez fenômenos analisados, os quais contabilizaram 6.455 ocorrências. Isso se justifica pela necessidade de uma maior definição no que se refere ao extremo rural em direção ao urbano, pois as localidades apresentam perfis diferenciados e situam-se em diferentes

pontos do *continuum*, sendo Oliveira Fortes mais conservadora ao ser contrastada a Belmiro Braga.

Nos dez fenômenos analisados, os percentuais da variante conservadora nas localidades se aproximam na: i) ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras; e ii) perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal. Em uma análise inicial, pode-se afirmar que são traços graduais nas zonas rurais (e também na zona urbana), pois não acarretam atribuição de juízo de valor negativo. Outros fenômenos ocorrem de forma mais variável, com uma distribuição percentual distinta, mas com tendência à manutenção da variante rural. É o que ocorre com a: i) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; ii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; iii) simplificação da concordância nominal; e iv) simplificação da concordância verbal. Todos esses fenômenos estão distribuídos em ambas as localidades, em maior ou menor proporção, e são traços rurais graduais. A exceção ocorre com a perda da vogal átona inicial, que tende à variação mais estável com a variante urbana, especialmente em Belmiro Braga.

A discrepância entre Belmiro Braga e Oliveira Fortes é nítida em relação à: i) troca de [l] por [r] em grupos consonantais; ii) lodização da palatal /ɲ/; e iii) perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa, o que permite compreendê-los como traços descontínuos ao contrastar as duas localidades; e, mais ainda, considerá-los fenômenos atrelados ao estereótipo rural.

2. Algumas definições

A análise realizada elucida alguns pontos importantes para este e para futuros estudos sobre a variação linguística em zonas rurais.

Amaral (1920) mapeou o falar caipira com base em traços gerais. Dentre os fenômenos aqui analisados, todos se encontram presentes nas zonas rurais, mas não de forma categórica. Há normas diferentes dentro das zonas rurais. Há zonas rurais mais ou menos conservadoras. Por isso, ao se dizer que, “na

zona rural, fala-se assim e que, na zona urbana, fala-se assim” – como, por exemplo, “na zona rural, fala-se *probrema, muié, andanu; us meninu; nós va*”e, “na zona urbana, fala-se *problema, mulher, andando; os meninos; nós vamos*” –, é necessário relativizar, pois as variantes conservadoras e inovadoras convivem, em maior ou menor grau, em ambos os espaços.

Embora o nível de isolamento de uma comunidade rural não seja passível de ser mensurado de modo quantitativo, é possível recorrer às categorias de intensidade, complexidade e distância em relação ao espaço urbano (WANDERLEY, 2009), baseadas na Sociologia Rural. No que se refere aos falantes, a perspectiva das Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011) mostra-se de fundamental importância para atestar a difusão e a focalização dialetal por meio dos contatos linguísticos.

Os conceitos de traços graduais e descontínuos são essenciais quando se contrasta o rural e urbano (BORTONI-RICARDO, 2005), bem como quando se contrasta o “mais” rural com o “menos” rural, ou seja, quando se detém na análise das zonas rurais.

Mesmo sem testes de avaliação das variantes (os quais seriam ideais, mas não foram realizados no presente estudo), é possível atestar os traços descontínuos por meio da análise linguística nas comunidades, contrapondo-os aos graduais. Para tanto, é necessário contemplar diversos fenômenos e verificar quais possuem uma distribuição mais homogênea na comunidade e quais são mais específicos.

A frequência dos traços rurais graduais auxilia na definição de uma zona rural como mais conservadora do que a outra. Tais traços ainda precisam ser mais explorados, contrapondo as localidades, principalmente em relação aos fenômenos cujos percentuais representaram cerca de 50% das ocorrências em Belmiro Braga e mais de 80% em Oliveira Fortes, como: i) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; ii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; iii) simplificação da concordância nominal e iv) simplificação da concordância verbal. É necessário que os dados aqui

encontrados sejam contrapostos a dados do intervalo rurbano-urbano, comparando sua distribuição, de modo a atestar sua gradualidade ao longo do *continuum* de urbanização.

A ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras é um fenômeno recorrente nas duas localidades, o que pode se justificar pelo fato de ser uma característica da região estudada (ZÁGARI, 1998, 2005).

Dentre os moradores das zonas rurais, há gradações de ruralidade. Nessa gradação, influem aspectos linguísticos e sociais. No que se refere aos aspectos linguísticos, um caminho metodológico é computar os percentuais de uso das variantes mais estigmatizadas, estereotipadas como falar rural – neste estudo, o rotacismo, a iodização da palatal /ʎ/ e a perda do [j] no pronome de terceira pessoa do singular – e contrapor os informantes. No que se refere aos aspectos sociais, mais do que a escolarização, o acesso aos meios de comunicação e a configuração das redes sociais dos falantes, o sentimento de pertencimento em relação à comunidade é condição preponderante para localizar o falante dentro da gradação de ruralidade. Contudo, é válido enfatizar que apenas o sentimento de pertencimento não é suficiente, pois é necessário conjugar outros aspectos sociais e analisar as particularidades de cada localidade e grupo de falantes.

Os falantes mais rurais no presente estudo não possuem as mesmas características do “falante ideal” para a Dialetologia, isto é, sexo masculino, analfabeto e idoso. Embora pertençam ao sexo masculino, são escolarizados (Ensino Fundamental incompleto ou em andamento) e possuem entre 16 e 29 anos). Entre os analfabetos, há usos característicos da fala rural estereotipada, mas não na mesma proporção dos falantes mais rurais.

Os moradores da zona rural que se distanciam das variantes mais estigmatizadas, por sua vez, pertencem ao sexo feminino, reforçando a constatação de Labov (1982) em relação à sensibilidade das mulheres diante da norma de prestígio. A hipótese, referente às informantes deste estudo, é a

de que essa sensibilidade é “aguçada” em função do frequente contato com o meio urbano (no caso, Juiz Fora).

As variáveis sociais investigadas (intensidade, complexidade e distância em relação ao meio urbano, configuração das redes sociais, sentimento de pertencimento, grau de instrução, ocupação, estrato socioeconômico, sexo, idade e acesso aos meios de comunicação) se correlacionam no delineamento da fala rural.

Considerações finais

Por meio deste estudo, constata-se que o espaço rural é um território linguístico heterogêneo e importante de ser investigado, para que não se caia na generalidade e não deixem de ser contempladas as especificidades de cada comunidade de fala. Em contrapartida, a tendência em afirmar que são os falantes da zona rural que estão caminhando rumo à urbanização apenas contribui para a negação do rural em nossa sociedade, como bem discutido nos pressupostos da Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). A zona rural não passa a ser urbana por apresentar características linguísticas inovadoras. O falante não deixa de ser rural por apresentar, em sua fala, marcas de urbanização.

Assim, continua sendo necessário alcançar um espaço de discussão sobre a variação no espaço rural para que se observem as tendências linguísticas e haja uma reflexão sobre tomadas de atitudes para que a diversidade linguística presente nas zonas rurais brasileiras seja respeitada, valorizada e, antes de tudo, conhecida e compreendida por meio de investigações sociolinguísticas.

Referências

- ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para Discussão nº 702 – IPEA – Rio de Janeiro, 2000.
AMARAL, A.. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1920.
BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Editora Contexto, 2010

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) **Perspectives on historical linguistics.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa,** Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994. p. 17-28.

_____. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds.). **"Substandard" e mudança no português do Brasil.** Frankfurt am main: TFM, 1998. p. 73-100.

_____. **As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil.** *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. 1. São Paulo, 2001. p. 97-130.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN,** v. 5, n. 1/2, 2006. p. 83-112

_____. **Língua e sociedade partidas:** a polarização sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola. 2004.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (eds.) **The Handbook of Language Variation and Change.** Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 549-572.

_____. **Linguistic variation and change.** On the historical sociolinguistics of English. GB: Brasil Blackwell, 1992.

_____. **Language and networks.** GB: Brasil Blackwell, 1987.

_____. **Language and social networks.** Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L.; MILROY, J. **Linguistic change,** social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics,* vol. 21, Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 339-384.

RIBEIRO, P. R. O. **Variação linguística no espaço rural:** análise de três municípios na zona da mata mineira. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

WANDERLEY, M. N. B. **Uma categoria rural esquecida; os desafios permanentes da sociologia rural brasileira.** Uma homenagem a Maria Isaura Pereira de Queiroz. V Jornada de Ciências Sociais Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: UNESP, 1994.

_____. **O "lugar" dos rurais:** estudo sobre a ruralidade no Brasil – Projeto de Pesquisa, 1998.

_____. **O mundo rural como espaço de vida:** reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros. In: AGUILERA, V. A. **A Geografia Linguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998.